

Brasília 65 anos: do papel ao concreto

» SILVESTRE GORGULHO

Jornalista e ex-secretário de Estado de Cultura do Distrito Federal

Primeiro é a gestação. Depois, o nascimento. Há precisamente 65 anos, Brasília começava a ser gestada no papel. Era a burocracia das ordens, das leis e dos conformes, antes do ronco dos tratores e das curvas de nível. Brasília faz, neste 21 de abril de 2021, 61 anos. São 61 anos da inauguração. A construção, na verdade, começou em 1956, há 65 anos.

Vale a pena lembrar algumas datas importantes que se deram nesse ano. Lá se vão seis décadas e meia. Tudo começou com a eleição do presidente Juscelino Kubitschek, em 3 de outubro de 1955. JK elegeu-se com 3.077.411 votos (35,68%). O general Juarez Távora ficou em segundo lugar, com 2.610.462 votos (30,27%), Ademar de Barros conseguiu 2.222.725 votos (25,77%) e Plínio Salgado teve 714 379 votos (8,28%).

Com a posse de JK, em 1956, o Brasil deu uma reviravolta geopolítica, econômica e cultural. O país se redescobriu ao ocupar o grande vazio do Centro-Oeste. Uma breve cronologia:

31 de janeiro de 1956

Juscelino Kubitschek, com 54 anos, toma posse como o 21º presidente da República do Brasil e garante que vai cumprir o Plano de Metas anunciado durante a campanha. Ao final do governo, tinha cumprido as 30 metas — mais a meta síntese: a construção de Brasília.

18 de abril de 1956

JK viaja para Manaus num avião da FAB. A comitiva presidencial programa descer em Goiânia. O governador de Goiás, Juca Ludovico, espera JK com uma multidão no aeroporto, para assinar e festejar a mensagem ao Congresso do projeto de lei da mudança da capital. Mau tempo em Goiânia. O C-47 da FAB, após várias tentativas de aterrissagem,

desloca-se para o aeroporto mais perto: Anápolis. Eram 5h30 da manhã. Num botequim, depois de uma “média com pão e manteiga” e na presença de alguns curiosos, JK assina a mensagem para o Congresso sobre a Transferência da Capital do Rio para Brasília e marca a data de inauguração. Como a assinatura foi em Anápolis, e não mais em Goiânia, antes, JK pede ao deputado federal amazonense Francisco Pereira da Silva, que estava na comitiva, para redigir (a mão uma Ata. Todos assinam. Depois, JK risca a palavra Goiânia, escreve Anápolis e assina a mensagem. Daí, “Mensagem de Anápolis”.

19 de setembro de 1956

Nasce a Novacap. O Congresso aprova a lei que o autoriza a tomar as providências para a transferência da capital do Rio para o Planalto Central, com dia marcado: 21 de abril de 1960. O projeto se converte na Lei nº 2.874, que cria a Novacap. Votação é dura. Nas comissões, nunca houve mais de três votos de diferença. Em plenário, quem desempatou a favor de Brasília foi o PRP de Ademar de Barros, graças ao trabalho de seu líder, o deputado maranhense Neiva Moreira. Nesse mesmo dia, Ernesto Silva, presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança, lança o edital para o concurso do Plano Piloto. Participaram da elaboração do edital Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, os arquitetos e professores Raul Pena Firme e Roberto Lacombe.

30 de setembro de 1956

É publicado no *Diário Oficial* o edital do concurso para escolha do projeto do Plano Piloto, com premiação para os cinco melhores projetos: Cr\$ 1 milhão, para o primeiro; Cr\$ 500 mil, para o segundo; Cr\$ 400 mil, para

o terceiro; Cr\$ 300 mil, para o quarto; e Cr\$ 200 mil, para o quinto lugar.

2 de outubro de 1956

JK faz a primeira visita à área onde seria construída a nova capital. E profetiza: “*Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.*”

10 de novembro de 1956

É inaugurado o Catetinho, em Brasília. Símbolo do idealismo e da esperança de milhares de brasileiros que participaram da construção da nova capital.

16 de dezembro de 1956

Bernardo Sayão inaugura o primeiro núcleo para servir de centro de atendimento, almoxarifado, centro comercial e de lazer para os trabalhadores. O núcleo passa a se chamar Cidade Livre. Hoje, Núcleo Bandeirante.

Vale lembrar: JK foi um presidente estadista, determinado, que fez o Brasil avançar 50 anos em cinco. A força da personalidade política de JK era tão extraordinária que, se ele não tivesse construído Brasília naqueles exatos cinco anos, Brasília continuaria sendo uma utopia.

Jânio Quadros, eleito em 1961, não iria construir por ser contra Brasília. João Goulart, cercado de crises, muito menos. Os militares não teriam imaginação para tanto. Brasília continuaria sendo um belíssimo sonho constitucional. Imagina José Sarney, Collor, Itamar, Fernando Henrique, Lula, Dilma, Michel Temer ou o próprio presidente Bolsonaro tentando construir Brasília. Não teriam licença ambiental do Ibama nem para fazer o Catetinho.

A forma como fabricamos o urbano; a falta que o verde faz

» MARTA ROMERO

Professora titular da FAU UNB — Coordenadora do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e Urbanismo (LaSUS)

A forma como fabricamos o urbano é um dos principais motores da mudança climática. O excessivo avanço do urbano no território fragmenta a paisagem, exerce pressão sobre os ecossistemas, tornando essenciais as políticas de mitigação dos efeitos das mudanças no clima. Isso fica muito evidente no espaço que abriga a capital da República. Em Brasília, atualmente, percebem-se algumas diferenças no clima após mais de sessenta anos de urbanização acelerada assim o demonstram pesquisas realizadas pelos pesquisadores do LaSUS.

O lugar de Brasília foi escolhido para sede do governo principalmente por suas condições climáticas, pois as características bioclimáticas do Plano Piloto desenvolvido pelo urbanista Lucio Costa propiciavam uma vastidão de lições para o planejamento urbano resiliente ao calor extremo. Porém o crescimento desordenado tem alterado sensivelmente o clima do DF. Se as intenções iniciais foram cuidadosas com o sítio, o que veio a seguir não mais foi acompanhado desse espírito. Especialmente as últimas intervenções no Plano Piloto, a criação recente de dois novos bairros: Sudoeste e Noroeste nas respectivas orientações.

Este último, sem a infraestrutura sustentável prometida nem rede de águas pluviais construídas, precisou de lagoas de contenção dentro do Parque Ecológico Burle Marx para resolver a questão da drenagem pluvial da região.

A imediata consequência foi o assoreamento do Lago Paranoá e a diminuição da umidade do setor, que provocaram alterações substantivas nas temperaturas urbanas da cidade. Essa situação acarretou a criação de novas ilhas de calor urbanas no território. Daí a necessidade de implementar, sem edificações, o Parque Ecológico Burle Marx, que tangencia o bairro. Nele seria preservado o “espírito” do lugar ecológico, o lugar sagrado, onde a natureza prevalece sobre as demais coisas. O Parque Burle Marx, com o Parque da Cidade, compõe uma longa faixa no sentido norte-sul.

Lucio Costa, no memorial na proposta vencedora para o Plano Piloto de Brasília, refere-se às duas grandes áreas verdes como “pulmões”, na medida em que foram simetricamente dispostas em relação ao Eixo Monumental, e representam, assim, áreas de respiração para a cidade. De fato, a sua existência e localização reforçam a solução linear do Plano Piloto, estabelecendo duas margens verdes de ambos os lados, garantindo a forma urbana proposta para a cidade, e nas palavras do urbanista “as extensas áreas livres, a serem densamente arborizadas ou guardando a cobertura vegetal nativa, diretamente contígua a áreas edificadas, marcam a presença da escala bucólica”.

A ocupação do solo na cidade com a redução dos espaços verdes e o calor antropogênico liberado pelos veículos, equipamentos e atividades humanas, contribuem para o estabelecimento de um campo mais elevado de temperaturas, designado por ilha de calor urbana. Esse fenômeno agora está presente no Plano Piloto. Nas nossas pesquisas, identificamos o uso de materiais que contribuem para o aquecimento do espaço público (baixo albedo, alta reflexibilidade da radiação solar, alta emissividade), além de pouca permeabilidade do solo e da vegetação, observando-se o aumento da temperatura local e a incapacidade dos materiais de liberar, durante a noite, todo o calor absorvido ao longo do dia, assim acumulando calor para o dia seguinte.

A vegetação, por meio da evapotranspiração, mitiga indiretamente o ganho de calor das superfícies e do ar adjacente devido à troca de calor, já de forma direta, o sombreamento reduz a conversão de energia radiante em calor sensível e diminui a temperatura de superfície. Ainda a absorção da radiação de onda longa pelas folhas é mais lenta que a das superfícies dos arredores, por isso, as pessoas nas áreas verdes têm menos pressão do calor radiante. Assim também a probabilidade de deslocamento a pé é três vezes maior em áreas sombreadas e com vegetação.

Detectamos que as temperaturas das superfícies urbanas foram elevadas em 1°C nas Superquadras da Asa Sul e 0,5°C nas da Asa Norte do Plano Piloto, nos últimos dois anos. Verificamos também que, assim como a SQS 108, a SQS 203 é uma típica Superquadra da Asa Sul, apresentando, contudo, cerca de 1°C a menos que aquela em relação à temperatura nos períodos seco e chuvoso do ano. Entre outros fatores, o principal motivo identificado para essa diferença de temperatura está na porcentagem de copas de árvores, a qual na SQS 108 é 33,73% e na SQS 203 é 38,61%, diferença que sugere ser esta uma diferença sensível no conforto térmico urbano proporcionado pela arborização.

Assim, segundo as nossas pesquisas, podemos concluir que a Asa Norte é mais quente que a Asa Sul, com exceção da quadra 412 Norte, vizinha do Parque Olhos d’água. Nos espaços totalmente pavimentados do centro da cidade, como os setores comerciais Sul e Norte, encontramos até 30 C a mais que as áreas limítrofes. E isso é particularmente preocupante nas áreas próximas dos estabelecimentos de saúde que se localizam nestas áreas centrais, onde os planos que se discutem são deixar por 30 anos carros estacionados, quer dizer metal aquecendo exposto diretamente à radiação solar e reirradiando para as edificações vizinhas.

Preocupa também o impacto da Quadra 500 Sudoeste, localizada em uma área ambientalmente frágil e sem previsão de ocupação no planejamento da cidade, pela alta densidade construtiva, supressão da vegetação nativa, aumento da temperatura (pelas pesquisas de quatro a nove graus de temperatura a mais), diminuição da ventilação urbana tanto no interior da própria quadra como também no seu entorno imediato. Os parâmetros analisados indicam, portanto, a nova Superquadra como uma área potencial de ilha de calor urbana para o bairro existente que já apresenta padrões menores de sustentabilidade que os projetados por Lucio Costa.

Lembrando que o urbanista criou para Brasília o conceito de cidade-parque, urge o desenho saudável para a cidade, quer dizer elaborar políticas públicas de como se pode reduzir sua vulnerabilidade nos cenários de mudanças climáticas, assim como incentivar a sua manutenção nos processos de requalificação de áreas urbanas e programas e políticas públicas de mobilidade sustentável. Nesse sentido, o LaSUS está contribuindo com diretrizes de desenho ambiental sustentável para a criação de novos bairros que irão tangenciar o Plano Piloto.



Vai ser candanga no mundo

» JAQUELINE GOMES DE JESUS

Psicóloga, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Leccionar na Baixada Fluminense evidenciou para mim o quanto ser brasileiro de nascimento me permite olhar de maneira crítica, talvez um tanto deslocada, jamais de forma alienada, a realidade no Brasil profundo que cerca a mais recente capital federal. O que é natural para os nativos soa estranho aos outsiders. Até a segregação tem os seus regionalismos. Ser professora na periferia do Rio de Janeiro, morando na Zona Sul, traz um elemento de sincronicidade, quando lembro que eu morava no Setor “O” de Ceilândia e me formei na Universidade de Brasília (UnB). Da periferia para o centro, do centro para a periferia.

Eu fui uma criança muito curiosa, sempre li muito. Costumava subir no telhado de casa para admirar a Barragem do Descoberto e me pôr no lugar da Eugénia Grandet, retratada por Honoré de Balzac: alguém que vivia no meio do mundo, ao mesmo tempo me sentindo distante dele. Sentimento incômodo para alguém como eu, conhecedora da epopeia da Capital da Esperança, na qual o meu avô candango teve um papel pequeno, mas relevante, junto com outros

cidadãos simples, porém extraordinários.

Posso garantir, observando com distanciamento de quem rodou o mundo e neste momento assentou-se na Cidade Maravilhosa, que Brasília é um work in progress; ela segue em obras, especialmente quando se analisa o núcleo central de sua personalidade: a capitalidade. Não em termos políticos, mas no âmbito cultural. Longe de suplantar o Rio de Janeiro, precisamos cultivar a originalidade na capital da República.

Ao longo desses 61 anos, avançamos no campo das artes, com altos e baixos na valorização dos fazedores de cultura do Distrito Federal, e a qualidade da educação em Brasília, em todos os graus, é invejável, quando comparada a outras unidades da Federação, no entanto, há que se compreender melhor os demais brasileiros, para se poder lhes conquistar os corações e mentes.

“O Brasil não conhece o Brasil”, tampouco a própria capital, isso acaba reverberando negativamente fora do país. Certa feita, ao dividir camarote no Teatro Amazonas com um casal de alemães, comentei que era brasiliense.

Eles me contaram, com seriedade, que brasileiros haviam dito que Brasília era a cidade da corrupção. Passei a recomendar, em tom de brincadeira, que antes de rotular Brasília a visitassem ao menos durante um fim de semana, para então poderem falar mal com algum conhecimento de causa.

Obviamente que Brasília não é Beijing, onde cada paralelepípedo pisado transpira milênios de histórias; igualmente não é Washington D.C., um teatro que representa a céu aberto o poderio global da nação; mas Brasília pulsa, verdadeiramente, com o espírito da invenção, semeado pelos pioneiros, fruto da mistura de sua genial modernidade com a espontaneidade própria do nosso povo tão criativo, que de vez em quando se revolta contra moralismos e desmandos dos poderosos de plantão.

Sempre amei a minha cidade natal. Mesmo longe, carrego você no coração, ciente de que é parte concreta de quem sou. Preocupou-me com seus rumos, entretanto persisto crendo nas suas extraordinárias potencialidades, sendo eu uma carioca nascida em Brasília, ou uma candanga vivendo no Rio.